Recebido: 02 de janeiro de 2026 | Aceito: 10 de março de 2026

NOTA DE UMA PESQUISA DIONISÍACA: FONTES E HISTORIOGRAFIA DE DIONISO NOS TEXTOS ANTIGOS E SUA RECEPÇÃO NOS POETAS DO NEOGREGO[1]

João Estevam Lima de Almeida[2]

RESUMO

O objetivo desta nota de pesquisa é trazer ao leitor os passos iniciais da nossa pesquisa de doutorado realizada no departamento de História da Universidade Federal de São Paulo. Os estudos sobre Dioniso tiveram seu primeiro impulso no século XIX, ganhando notoriedade com a publicação da obra de Nietzsche. Estudos estes que, no transcurso do tempo, se desenvolveram e se deslocaram, dando importantes contribuições para as pesquisas na História, que privilegiaram como tema a Grécia antiga. Na atualidade alguns trabalhos que utilizam a Teoria da Recepção como escopo metodológico de análise trouxeram importantes contribuições para pesquisas que se debruçam sobre o processo de recepção da Grécia antiga em contextos modernos e contemporâneos. Esta nota traz algumas das primeiras reflexões de nosso projeto de pesquisa, que visa desenvolver uma contribuição original sobre o tema de Dioniso na tradição grega antiga e sua recepção na Grécia dos Estados Nacionais.

Palavras-Chave

Dioniso; Fontes; historiografia; Recepção dos Clássicos; Poetas do Neogrego.

[1] Esta nota de pesquisa é parte do projeto *Deus da pólis, Deus dos poetas*: Dioniso na Tradição grega e sua recepção nas obras dos poetas Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós, desenvolvido no Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. A pesquisa está sob a orientação do Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco e é realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Brasil, Processo n. 25/09604-3.

[2] Doutorando em História – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: joao.estevam@unifesp.br.

1. Introdução – As fontes sobre Dioniso

Para o historiador que lida com Dioniso em dois contextos distintos, o da antiguidade grega e sua consolidação na tradição antiga, bem como sua recepção no contexto da Grécia dos Estados Nacionais, a discussão sobre as fontes perpassa a visão dos antigos e a visão dos modernos. Há uma profusão imensa de fontes que fazem parte da expressão do deus do vinho tanto nos textos quanto na cultura material. Mas há uma fonte específica que une o texto à cultura material na grafia do nome do deus, revelando-o como um deus indo-europeu. Descobriu-se que a fonte mais antiga com o nome do deus está em duas plaquetas encontradas em Pilos (PY Xa 102 e PY Xb 1419). Na primeira plaqueta lê-se *Di – wo – nu – so – Jo*. "Dionysoio", como um fragmento feito a: tu – ni – Jo. No outro lado da plaqueta está registrado outro fragmento de algo que ainda não foi decifrado e diz: "*no – pe – ne – o*" para "*wo – no – wa – ti –si*", ou seja, *oinoatisi*, que quer dizer "mulheres de oinoa". Em ambas as plaquetas encontramos a denominação "o que é de Dioniso".

Dabdab Trabulsi retoma a questão dos tabletes para mostrar a importância da complexidade da tese de uma divindade estrangeira, exógena à Grécia. O primeiro tablete foi descoberto em 1952 e o nome do deus acima especificado aparece sozinho, o que levou os seus decifradores a duvidar de seu caráter divino. Dioniso é tido como *eleútheros* (libertador), este epíteto está diretamente associado ao nome de Zeus. O deus do vinho é chamado de *Eleuthèr*, filho de Zeus, a quem são sacrificados touros. A fonte deste epíteto são outros três tabletes PY Cn 3 e PY Wa, "*e-re-te-re*", bem como no tablete PY Na 18 que consta "*e-re-u-te-ri*", o que pode equivaler a *Eleuthèr*, como o deus é chamado, que corresponderia ao líber pater dos romanos, o que remontaria, segundo Dabdab Trabulsi, ao indo-europeu "*Ieudh*" (Kerényi, 2002: 62; Dabdab Trabulsi, 2004: 24). A antiguidade de Dioniso é atestada também pelo descobrimento de seu santuário em Ayia Irini em Kea, onde se pode averiguar de modo bem nítido a continuidade do culto dionisíaco, ou divindades associadas a ele, desde o século XV até a época grega, que se expõe na primeira inscrição votiva como santuário de Dioniso. Essa fonte pode ser corroborada com a fonte textual advinda de Tucídides (V, 2.4), ao falar sobre as "Velhas Dionísias" que, segundo o historiador, eram comuns aos jônios e aos atenienses, o que leva a deduzir que estas festas eram mais antigas que a migração jônica.

Outros testemunhos importantes sobre Dioniso estão em Hesíodo, Homero, Heródoto e Eurípides. O deus do vinho aparece em Hesíodo, em sua *Teogonia* e nos *Trabalhos e os dias* (947; 614) ele é retratado como *Diónysos Polyghetés* (Dioniso de muitas alegrias); Homero o definiu, na Ilíada (VI, 130; XIV, 325), como *mainoménoio Dionýsoio* (o delirante Dioniso) e *khárma Bróteion* (alegria dos mortais). Já Heródoto (II, 49) mencionou que o culto do deus veio do Egito através dos fenícios que se estabeleceram na Beócia. O historiador de Halicarnasso (II, 145) argumentou que, ao contrário do que os egípcios pensaram de Osíris, os gregos consideravam Dioniso com um dos seus deuses mais novos. Para Eurípides (*Bacch*. 13-24) o deus teve suas primeiras origens na Lídia e na Frígia, percorrendo muitos outros lugares até chegar a Tebas. Assim, é possível demonstrar que Dioniso que se firma na tradição grega e está presente, principalmente quando nos detemos na fonte textual, no surgimento da pólis no período arcaico e clássico, do séc. VIII ao V a.C. Tais fontes são muito importantes para tentarmos encontrar o fio condutor que leva, no contexto da Grécia dos Estados Nacionais. No transcurso de sua história, ele também foi utilizado, implícita ou explicitamente, na produção de autores antigos e na produção literária de Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós. Ao utilizá-lo, tais poetas, supomos, se valem do que Terry Eagleton denomina de função desempenhativa da literatura e tentam provocar certos efeitos no leitor; se valeram da linguagem que é "linguagem enquanto um tipo de prática material em si mesma, e discurso enquanto ação social" (Eagleton, 2006).

No que concene à quantidade de fontes utilizadas na pesquisa temos 08 autores antigos em que serão analisados 29 fragmentos, 01 obra e 01 hino. Já a utilização dos poemas neo-helênicos dão um total de 03 autores, dos quais serão analisados 31 poemas. As fontes textuais nos darão a base para entender Dioniso na *cultura da pólis* e os poemas nos permitirão entender como Dioniso foi usado pelos poetas neo-helênicos no contexto da Grécia dos Estados Nacionais. O nosso intuito é através da análise das fontes textuais e literárias estabelecer uma síntese que demonstre reflexões sobre um Dioniso *desmótes-eleútheros*[3] (agrilhoado-livre) e alguns aspectos do que

[3] Em nossa pesquisa de mestrado refletimos: A palavra agrilhoar traz em si um simbolismo e no teatro, numa das peças de Ésquilo, Prometeu é *desmótes*, agrilhoado por conceder aos homens o fogo de Zeus. Como o Titã que roubou o fogo do soberano do Olimpo, como Prometeu **Dioniso Desmótes** está preso a grilhões quando é retirado dos campos e alocado em um local fixo no espaço urbano. Os gregos em certa medida agrilhoam o deus quando o deslocam de uma esfera "*selvagem*" e o fazem habitar num espaço "*civilizado*". Mas este agrilhoamento é o que simboliza a totalidade do território da *pólis*. Espaço, lugar e paisagem são as nossas ferramentas de análise para tentarmos compreender um **Dioniso *Eleútheros*** que configura, por meio do seu espaço específico, o teatro, *um* aspecto da pólis grega. O que percebemos com a sistematização do nosso

é *selvagem* e *civilizado* na tradição grega e, principalmente, na Grécia dos Estados Nacionais. As fontes selecionadas de Dioniso na Tradição grega, nos permitem contextualizar e identificar o deus do vinho na *cultura da pólis*. Além dos textos antigos, utilizaremos, por meio do nosso recorte, de textos produzidos pela historiografia. Já os textos de chegada, poemas em que o deus do vinho aparece ou há elementos associados a ele, nos permitirão refinar o debate teórico e metodológico sobre Dioniso e como ele foi utilizado por estes poetas do neogrego, para assim tentar contribuir com uma leitura original sobre as questões que envolvem a Grécia moderna e sua identidade no período dos Estados Nacionais. No processo de recepção, os autores antigos firmam Dioniso na tradição para que ele sirva aos poetas gregos modernos. Segue abaixo o quadro das fontes antigas e literárias.

2. Aspectos metodológicos para análise das fontes

Para Terry Eagleton as obras literárias são "reescritas" pelas sociedades que as leem. Todas as obras literárias, em outras palavras, são "reescritas", não há releitura de uma obra que não seja também uma "reescrita" (EAGLETON, 2006: 18-19). Ante as reflexões desse autor no próprio processo de recepção entendemos que Dioniso, ao ser utilizado por autores antigos e poetas gregos modernos, não se furta a este processo nem na antiguidade, nem na modernidade, pois "cada momento de releitura da Antiguidade escolhe e lê sua própria Antiguidade, reordenando o repertório disponível (...)". Eis algumas dicotomias que por vezes, aproximam antigo e moderno e "são elas, às vezes, manifestação do senso social e político do autor" (COSTA, 2018: 45).

Uma pesquisa que tem como abordagem teórica estudos em fontes textuais antigas, na historiografia e estudos alicerçados na Teoria da Recepção, necessita conceituar esta última. Sobre a recepção dos clássicos, Anastásia Bakogianni nos mostra: "a recepção dos clássicos concentra-se na forma como o mundo clássico é recebido nos séculos subsequentes e, em

repertório é que há um padrão de assentamento que constitui o teatro grego antigo sempre de frente para a paisagem ou apreendendo a visão da cidade. O caráter *eleútheros* do deus pode ser visualizado pela própria condição do teatro integrado à paisagem políade. A nosso ver o teatro, integrado à paisagem o torna **Dioniso *Eleúhteros***, mesmo que ele seja também **Dioniso *Desmótes***, agrilhoado, tanto pelo seu caráter institucional, quanto pela expressão material, física do lugar do deus. Nesse sentido, a paisagem que o teatro grego nos descortina, que pode ser visualizada na longa duração (séc. VI ao III a.C.), configura a totalidade da *pólis*, a conexão entre o espaço urbano e o território apenso a ele. (ALMEIDA, 2014; 20; 201; 206; 228).

particular, nos aspectos das fontes clássicas que são alterados, marginalizados ou negligenciados" (BAKOGIANNI, 1997: 115-116). Nesse sentido, faz-se mister salientar que os poetas ora estudados alteram, marginalizam e negligenciam alguns aspectos de Dioniso e priorizam outros, usam o passado a seu modo. Assim, "entendemos os usos do passado como uma forma de recepção entre outras possíveis, na qual a mobilização/reutilização do passado assume um caráter pragmático e instrumental" (SILVA, FUNARI & GARRAFFONI, 2020: 45).

Portanto, metodologicamente na "análise de determinado documento, necessitamos identificar as possíveis conexões com outros textos" (...) e isso envolve outras fusões de horizontes, entre passado e presente, texto e intérprete: cada texto é uma intervenção dentro de determinado campo intertextual" (VARGAS, 2020: 520). Pretendemos estabelecer uma análise crítica que dê conta dos textos antigos ora escolhidos e dos poemas dos poetas selecionados e seu contexto.

A pesquisa se justifica por almejar, à luz dos estudos da teoria da recepção, colocar o *daimon,* que é Dioniso, no espelho e entender como ele é expresso na tradição grega e como é utilizado de forma receptiva principalmente na seguinte produção literária: nos poemas *O cortejo de Dioniso; O deus abandona Antônio* de Kaváfis; em seguida no poema *Dioniso* de Kostis Palamás e finalmente na peça *O ditirambo Órfico ou O ditirambo de Rodes* e em alguns poemas da compilação de poemas *Thymeli* de Ángelos Sikelianós. Acreditamos que o recorte feito nesta pesquisa, pode trazer uma contribuição relevante aos estudos de recepção na história e ao que foi o processo histórico do dionisismo, um dos elementos singulares na formação da *pólis* da Grécia da época arcaica e clássica, como este elemento ganhou um novo significado na construção de uma identidade grega moderna. Os textos nos mostram este processo, pois do bárbaro ao grego se constrói uma identidade helênica tanto nos textos de uma tradição grega antiga, quanto na produção da literatura dos poetas do neogrego, que utilizam e colocam Dioniso no centro de um processo de recepção do clássico.

3. As fontes privilegiadas

AUTORES ANTIGOS	FONTES	ARQUIVO/LOCAL	POETAS	OBRA/POEMA	ARQUIVO/LOCAL
Apollodoro	Bibl., 2., 2, 2; 3., 4, 3 e s.; 5, 1 e s.	/Biblioteca EFLCH/UNIFESP	Kaváfis	*O cortejo de Dioniso*	https://www.onassis.org/initiatives/cavafy-archive
Aristófanes	Ran., 330	Biblioteca EFLCH/UNIFESP	Kaváfis[4]	*O deus abandona Antônio*	https://www.onassis.org/initiatives/cavafy-archive
Eurípides	*Bacch.*, *passim*; *Cyc.*, 3 e s.	Biblioteca EFLCH/UNIFESP	Palamás	*Dioniso*	https://www.efa.gr/section-categorie/modern-and-contemporary/
Diodoro Síciulo	4. 2, 2 e s., 25; 4.	Biblioteca EFLCH/UNIFESP	Sikelianós	Tragédias compiladas com o nome de *Thymeli*	https://www.efa.gr/section-categorie/modern-and-contemporary/
Hesíodo	*Theog.* 940-942, *Op*. 614	Biblioteca EFLCH/UNIFESP	Sikelianós	O ditirambo de rodes Vol. I	https://www.efa.gr/section-categorie/modern-and-contemporary/

[4] Entram também em nosso corpus do poeta Konstantinos Kaváfis. Os poemas hedônicos escolhidos para compor o nosso *corpus* são: Os perigos; Coisa rara; Candelabro; À entrada do café; Jura; Uma noite; Na rua; Quando surgirem; Passagem; Ao fim da tarde; Dias de 1903; A vitrina da tabacaria; Lembra, corpo...; A mesa ao lado; Compreensão; Diante da casa; Ímenos; O sol da tarde; Para que venham; A origem; Num velho livro; Teatro de Sídon 400 D.C; 31 a.C em Alexandria; Na Itália à beira-mar; No 25º ano de sua vida; Num demo da Ásia Menor; Dias de 1901; Um jovem artista da palavra – 25 anos de idade; Míris, Alexandria 340 D.C, Ano 200 A.C. Utilizamos a tradução de José Paulo Paes. In: Kaváfis, K. **Poemas**. Seleção, estudo crítico, notas e tradução. São Paulo: José Olympio Editora, 2006.

Homero	Hin. Dio., passim;	Acervo Pessoal	Sikelianós	*Dédalo em Creta* (Vol. II)	https://www.efa.gr/section-categorie/modern-and-contemporary/
Homero	Il., 6. 132; 14. 325;	Acervo Pessoal		*Discurso Délfico (Vol. III)*.	https://www.efa.gr/section-categorie/modern-and-contemporary/
Homero	Il. 6, 129 e s	Acervo Pessoal			
Heródoto	2., 49	Acervo Pessoal			
Nonnus	Dion. Passim;	Acervo Pessoal			
Pausânias	1., 44, 7; 2., 37, 5; 3 e s.	Acervo Pessoal			
Sófocles	Ant. 955 e s.	Acervo Pessoal			

4. A historiografia de Dioniso – Um Recorte do século XIX aos Anos 2000

O início dos estudos sobre Dioniso no mundo moderno data do século XIX. Alguns destes estudos se debruçaram sobre a descrição mitológica do deus, tomando por base as informações nas fontes literárias disponíveis nos autores antigos. Foram produzidos capítulos a respeito de Dioniso em enciclopédias e livros sobre mitologia "greco-romana", os quais podemos citar os produzidos por P. Perdrizet no *Dictionnaire des Antiquités Grècques et Romaines* (organizado por Daremberg e Saglio), por P. Decharme em *Mythologie de la Grèce Antique* (1886).

Contudo, os estudos sobre Dioniso só ganharam sua primeira notoriedade e projeção sob o olhar do filólogo e filósofo prussiano Friedrich Nietzsche. Aos vinte e cinco anos ele escreve o texto *A visão* dionisíaca *do mundo* (*Die dionysischen weltanschauung*) entre junho-agosto de 1870, esta obra antecede algumas das suas reflexões sobre o dionisíaco que irão ganhar forma e síntese filosófica em sua obra posterior e mais importante sobre o tema: *O nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo (Die geburt der Tragödie oder Griechentum und Pessimismus*), escrita em 1872. A interpretação do autor do *Nascimento da Tragédia* é híbrida e um de seus erros ou leitura própria é que mesmo se valendo da tradição e inspirando-se em Eurípides, ignorou as mênades que, após a própria personagem de Dioniso, são as personagens mais importantes no mito. O prevalecimento de um exagerado lance explosivo a retratar o dionisíaco é, segundo Kerényi, a contribuição de Nietzsche; posição que influenciará as obras de Otto (1933), Jeanmaire (1950), Dodds (1951) e Nilsson (1957), que identificaram o núcleo da religião dionisíaca na experiência orgiástica do deus e seus fiéis (Kerényi, 2004: 119-122).

Ao nosso ver Nietzsche é um homem de seu tempo, um intelectual que vive os questionamentos do séc. XIX e que tem na sua proposta, que ele mais tarde irá chamar *filosofia do martelo,* de ressignificar Dioniso. Na percepção de Kerényi a comparação do dionisismo com uma epidemia religiosa consiste no único elemento que se configura aceitável para o pensamento científico, e isto foi resgatado por Erwin Rohde, com sua obra *Psyche: The Cult of Souls and the Belief in Immortality among the Greeks* (1890-4), que levantou a tese de uma religião estrangeira na Trácia. Rohde deu à tese de Nietzsche uma sustentação histórica e ao mesmo tempo corrigiu-a e pintou o quadro de um deus estrangeiro à sensibilidade helênica (Kerényi, 2004: 113-121; Dabdab Trabulsi, 2004: 13).

Para Rohde o dionisismo representou, na cultura grega, um corpo estranho e alhures, por sua origem vinda da Trácia, muito particularmente entre suas estirpes trácias meridionais (Rohde, 1973: 308-317). A obra de Walter Friedrich Otto, *Dionyus mith andcult (Dionysos, Mythos und Kultus)* (1933), antecede ao ainda atual estudo de H. Jeanmaire (1950). Otto definiu Dioniso como um deus delirante, o fez utilizando Homero, sem o citar, pois o autor da Ilíada se refere ao deus como *mainômenos Dionýsos*, o "delirante Dioniso". Segundo Kerényi, se por um lado Otto acerta, indo buscar em Homero a melhor definição para o deus do vinho, por outro ele se equivoca ao alertar para o mundo dionisíaco como um mundo de mulheres, aludindo à parturição e cuidado de crianças. Posteriormente, já na década de 50, os estudos sobre Dioniso têm um importante autor chamado Henri Jeanmaire que, em sua obra *Dionysos: histoire du culte de Bacchus: l'orgiasme dans l'antiquité et les temps modernes, origine du théâtre en Grèce, orphisme et mystique dionysiaque, èvolution du dionysisme après Alexandre* (1950), fez um relevante trabalho de síntese acerca do tema. Dabdab Trabulsi salientou proficuamente que Jeanmaire, mesmo tendo a grande desvantagem de escrever seu livro antes da decifração da linear B, detém uma análise e uma obra cuja solidez faz com que conserve uma atualidade impressionante (Dabdab Trabulsi, 2004: 14).

É imprescindível a um estudo histórico, que investigue Dioniso nos autores antigos, conhecer e analisar o livro de G. Aurelio Privitera, *Dioniso in Omero e nella Poesia Greca Arcaica* (1970), nele o deus é analisado na sociedade micênica e aristocrática, que vai de Homero a Píndaro, com erudição e densidade conceitual. Walter Burkert publicou *Religião grega na época clássica e arcaica* (*Griechische religión der orchaischen und kíassischen Epoche)* em 1977, com uma solidez, clareza de abordagem e uma abundante fonte de informação e estruturação de fontes antigas; por sua sistematização e excelente estruturação tornou-se um manual moderno sobre a religião grega e Dioniso. Sob a década 70 ainda, Park McGinty sistematizou um estudo denominado *Interpretation and Dionysos – Method in the study of a god* (1978). Mesmo sendo um estudo de revisão bibliográfica traz sua contribuição aos estudos do tema, pois discute questões de método nos autores Erwin Rohde, Walter Otto, Jane Harrison e Martin P. Nilsson.

Já na década de 80 surgiram importantes estudos de cunho estruturalista, dos quais podemos destacar os trabalhos de Maria Daraki, *Dionysos et la déesse terre* (1983) e *Dionysos* (1985). Citemos ainda Marcel Detienne com o seu trabalho *Dioniso a céu aberto (Dionysos à ciel ouvert) (1988)* e uma década depois, *Dionysos mis à mort (1998)*. Sobre o aspecto iconográfico do deus não poderíamos deixar de citar o significativo trabalho de Thomas

Carpenter, *Dionysian imagery in Archaic Greek Art* (1986); trata-se de um estudo minucioso a traçar o desenvolvimento da imagem de Dioniso nos vasos áticos de figuras negras, percebendo a originalidade da criação da imagem do deus por toda a Ática. À medida que avançaram os estudos ganharam novas abordagens e Thomas H. Carpenter e Cristopher A. Faraone, organizaram a obra *Masks of Dionysus* (1993), a trazer um conjunto de autores que se ativeram à diversidade da figura de Dioniso na religião grega para ampliar as perspectivas de reflexões sobre a poética dionisíaca. F. Frontisi-Doucroux, pesquisadora do centre Louis Gernet, escreveu um trabalho intitulado *Le dieu masque: une figure de Dionysos d'Athennes (1998).*

Ainda no contexto ateniense, o tema sobre o deus do vinho foi desenvolvido por Smene Lada-Richards com o trabalho *Initiating Dionysus – Ritual and Theatre in Aristophanes' Frogs (1999). Em 2002 foi traduzido para o português a obra de Carl Kerényi Dioniso – imagem arquetípica da vida indestrutível (2002) sob uma forte influência junguiana a obra prende Dioniso a um arquétipo fixo, o que torna discutível, do ponto de vista histórico, a análise do autor*. No entanto, é preciso frisar que mesmo com sua abordagem junguiana a documentação levantada por este autor é imprescindível a qualquer pesquisador que se debruce sobre o tema de Dioniso.

Seguindo os passos de seu pai Cornélia Sler-Kerényi publicou dois importantes trabalhos de cunho estruturalista sobre o tema, a saber: *Dionysos in Archaic Greece - An Understanding through Images* (2007) e sua continuidade na obra *Dionysos in Classical Athens - An Understanding through Images* (2015). Ambas as obras trazem um vasto referencial iconográfico do deus. Renate Schlesier organizou a obra *A Different God? Dionysos and Ancient Polytheism (2011),* um compilado de estudos sobre o deus do vinho, com múltiplas e pertinentes abordagens. Dioniso ganhou ainda outros estudos com o livro *Dioniso. Los Orígenes - Textos e imágenes de Dioniso y lo dionisíaco en la Grecia antigua* (2013) organizado por Alberto Bernabé, Ana Isabel Jiménez San Cristóbal, Marco Antonio Santamaría, e ainda no mesmo ano, Alberto Bernabé e outros pesquisadores organizaram o livro *Redefining Dionysus* (2013), um conjunto de trabalhos que foram apresentados em 2010, a trazer diferentes perspectivas sobre Dioniso, o que permite ao pesquisador visualizar inúmeros olhares sobre o tema.

No Brasil os estudos acerca de Dioniso e o dionisismo avançaram. Até o momento a síntese mais completa sobre o tema do dionisismo foi desenvolvida por José Antônio Dabdab Trabulsi na França, em 1990, sob o título *Dionysisme pourvoir et societé em Grèce jusqu`à la fin de l`époque classique*, desenvolvida na Universidade de Franche-Comté e premiada pelo CNRS.

A edição brasileira foi publicada em 2004, *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. O autor analisou o dionisismo e sua integração no sistema religioso e social mais amplo e seu movimento no processo de mudança histórica. Trabulsi analisou, em um período de longa duração que vai da época arcaica até o fim da época clássica, o dionisismo e sua relação com o poder no sistema políade, demonstrando que Dioniso ao ser domesticado serve como aparelho ideológico do Estado[5] principalmente na época da tirania grega. O referido trabalho é uma importante e valiosa referência para os pesquisadores que abordam o tema.

Seguindo o tema do dionisismo, da selvageria e domesticação do deus do vinho no espaço políade o autor deste projeto de pesquisa desenvolveu no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga – Labeca, sediado no Museu de Arqueologia da USP, a pesquisa de mestrado intitulada *Um deus a céu aberto: Diônisos e a expressão material do teatro na paisagem da pólis na Grécia arcaica e clássica – sec. VI-III a.C* (2014). A proposta de pesquisa foi estudar o tema de Dioniso, seu culto e sua importância a partir de fontes históricas e da cultura material, utilizando como documentação o teatro grego antigo como expressão material do deus do vinho. Foram analisados dezessete teatros disseminados em póleis da Grécia e da Itália do Sul, a saber: dez na Grécia e sete na Magna Grécia e Sicília, contribuindo com uma reflexão sobre o dionisismo como um dos aspectos singulares no processo de formação e estruturação da *pólis* grega.

5. Os objetivos & as hipóteses da pesquisa

Temos como objetivo geral, por meio da análise de Dioniso nos textos de partida (fontes textuais antigas) e textos de chegada (textos do *corpus* definido dos autores Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós): 1) ter uma melhor compreensão de como Dioniso nos autores antigos pode nos fazer visualizar o dionisismo na *cultura da pólis*; 2) ter um aprofundamento do caráter *Desmótes-Eleútheros*[6] (agrilhoado-livre) de

[5] Para Dabdab Trabulsi o ditirambo, ao ser despojado da sua força selvagem, fora utilizado, num período posterior, em Atenas, para cantar temas estranhos a ele, a torná-lo competitivo. Esta série de transformações demonstram a domesticação do dionisismo, "o seu ajustamento à cidade", tendo como norteador destas medidas a tirania (Dabdab Trabulsi, 1984. 75-104).

[6] Em nossa pesquisa de mestrado refletimos: A palavra agrilhoar traz em si um simbolismo e no teatro, numa das peças de Ésquilo, Prometeu é *desmótes*, agrilhoado por conceder aos homens o fogo de Zeus. Como o Titã que roubou o fogo do soberano do Olimpo, como Prometeu **Dioniso Desmótes** está preso a grilhões quando é retirado dos campos e alocado em um local fixo no espaço urbano. Os gregos em certa medida agrilhoam o deus quando o deslocam de uma esfera "*selvagem*" e o fazem habitar num espaço "*civilizado*". Mas este agrilhoamento é o que simboliza

Dioniso, para observar por meio das características selecionadas por estes poetas, como esse deus *selvagem* e *civilizador* é visto e ressignificado na poesia neogrega.

Já os objetivos específicos se subdividem nos seguintes: A) Analisar Dioniso e seu caráter *Desmótes-Eleútheros* (agrilhoado-livre) na documentação antiga, utilizando como amostragem textos literários antigos e historiográficos gregos. Tais textos nos fornecerão os aspectos de um Dioniso, expresso no mundo grego e ressignificado na poesia neogrega de Kaváfis, Palamás e Sikelianós; B) Investigar como os aspectos *Desmótes-Eleútheros* (agrilhoado-livre) de Dioniso, explícita ou implicitamente, podem ser evidenciados na produção poética desses autores, a partir do *corpus*: *O cortejo de Dioniso; O deus abandona Antônio,* de K. Kaváfis*; Dioniso,* de Kostis Palamás*;* e *O ditirambo órfico ou o Ditirambo de Rodes (Vol. I), Dédalo em Creta (Vol. II); The Death of Digenis, A Páscoa dos gregos e Discurso Délfico (Vol. III)*, de Ángelos Sikelianós; C) Pontuar as similaridades e as singularidades de Dioniso no trabalho dos poetas do neogrego, com o objetivo de estabelecer uma síntese e tecer reflexões sobre Dioniso, como um *daimon*, revisitado pelos autores em um contexto específico da literatura neogrega.

As hipóteses da pesquisa se dividem em primária e secundárias. Como hipótese primária refletimos que O caráter *Desmótes-Eleútheros* de Dioniso pode ser evidenciado na tradição grega por meio dos autores antigos e demonstra que o deus faz parte do processo de formação da *cultura da pólis;* sua recepção se dá no *contexto* da Grécia moderna na produção poética de Kaváfis, Palamás e Sikelianós. Já as secundárias se subdividem em: A) Kaváfis ao utilizar Dioniso como um espelho simbólico, em seus poemas *O cortejo de Dioniso*, *O deus abandona Antônio*, bem como nos poemas hedônicos, revela a recepção do deus em sua produção poética. Ao conectar a imagem do deus, acontecimentos mítico-históricos e experiências vividas à questão do espaço grego fora da Grécia, no Egito, precisamente em Alexandria, o poeta expressa o modo de ser grego. Poeta

a totalidade do território da *pólis*. Espaço, lugar e paisagem são as nossas ferramentas de análise para tentarmos compreender um **Dioniso *Eleútheros*** que configura, por meio do seu espaço específico, o teatro, *um* aspecto da pólis grega. O que percebemos com a sistematização do nosso repertório é que há um padrão de assentamento que constitui o teatro grego antigo sempre de frente para a paisagem ou apreendendo a visão da cidade. O caráter *eleútheros* do deus pode ser visualizado pela própria condição do teatro integrado à paisagem políade. A nosso ver o teatro, integrado à paisagem o torna **Dioniso *Eleúhteros***, mesmo que ele seja também **Dioniso *Desmótes***, agrilhoado, tanto pelo seu caráter institucional, quanto pela expressão material, física do lugar do deus. Nesse sentido, a paisagem que o teatro grego nos descortina, que pode ser visualizada na longa duração (séc. VI ao III a.C.), configura a totalidade da *pólis*, a conexão entre o espaço urbano e o território apenso a ele. (ALMEIDA, 2014; 20; 201; 206; 228).

grego pela filiação e pela língua, Kaváfis se vale do deus do vinho para simbolizar o que é ser "grego". B) Nas obras de Sikelianós e Palamás o espelho simbólico que é, para estes poetas, Dioniso, constitui uma metáfora diferente da de Kaváfis. Para o primeiro, Dioniso, o dionisíaco, é utilizado para que ele mostre sua percepção poética e estética, indo buscá-la no deus e sua essência ritualística e religiosa. Para o segundo, há a necessidade existencial, em um contexto de mudanças na sociedade grega e consequentemente na estrutura da língua grega, de expressar uma identidade grega. C) Há um *etnosimbolismo* perceptível, nas obras do *corpus* selecionado, na produção literária de Kaváfis, Palamás e Sikelianós; apreendido como um *daimon*; Dioniso, a personificação do grego-bárbaro, do "outro", esse estranho estrangeiro, agrilhoado e livre, foi utilizado para expressar uma helenidade singular na produção dos poetas ora selecionados no presente estudo.

6. Resultados esperados

Com esta pesquisa, esperamos alcançar os seguintes resultados: a identificação do caráter *Desmótes-Eleútheros* nos textos antigos selecionados e demonstrar que Dioniso na tradição grega é um dos elementos singulares da *cultura da pólis*. Por ser um desses elementos singulares ele serviu aos poetas neo-helênicos em um processo de recepção do clássico. De maneira original, esperamos sistematizar um estudo que demonstre como Dioniso, ao ser utilizado pelos poetas Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós gerou uma produção estética singular da cultura grega. Esse antigo e novo Dioniso que é ressignificado na Grécia no contexto do Nacionalismo. 3) A escrita de uma síntese crítica que dê sua contribuição aos estudos históricos sobre Dioniso e sua recepção. Os resultados serão alcançados conforme as etapas especificadas no plano de trabalho e no cronograma desta pesquisa.

7. Considerações finais

Os estudos de recepção dos clássicos e usos do passado na História Antiga, no contexto brasileiro, ganharam seus primeiros impulsos com os autores Francisco Murari Pires (2009; 2010), José Antônio Dabdab Trabulsi (2003, 2009) e Pedro Paulo Abreu Funari (2020). Esse primeiro impulso teve como desdobramentos os trabalhos desenvolvidos pelos historiadores Glaydson José da Silva (2017; 2020), Lorena Lopes Costa (2013; 2018), Renata Senna

Garraffoni (2020) e Anderson Zelewski Vargas (2020). A recepção do clássico e os usos do passado abriram a diversos pesquisadores novas possibilidades de análise do passado e a compreensão sobre determinado período histórico estudado. Dentre essas possibilidades, a análise da intertextualidade entre textos antigos e modernos, que nos permite um espaço interpretativo rico, e pode conduzir a novos estudos originais sobre determinada sociedade. Nosso projeto segue esse direcionamento.

Estes primeiros apontamentos de pesquisa demonstram que há um campo extremamente fértil de possibilidades que se abre ao historiador que pesquisa a Grécia. A saber, o caminho que permite o diálogo entre História e Literatura, utilizando como ferramenta de análise a Teoria da Recepção. Nesse sentido aliar a documentação textual sobre o deus do vinho e os poemas de Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós, na perspectiva da recepção dos clássicos, pode trazer questionamentos importantes sobre Dioniso na Grécia em dois contextos singulares e interdependentes, a Grécia antiga, da *cultura da pólis*, e a Grécia dos Estados Nacionais. Para nós, ainda em nossos passos iniciais, o deus do vinho se firmou na tradição grega e está ainda escondido nos ramos de videira da produção dos poetas do neogrego. Ao desvelá-lo pretendemos dar uma contribuição sobre como esta tradição dos antigos é ressignificada no período em que os gregos veem o surgimento de seu Nacionalismo. O Dioniso que é um dos elementos da pólis no transcurso dos séculos, receptivo e ambivalente, revela aspectos dessa outra Grécia, a Grécia dos Estados Nacionais.

Fontes Antigas

APOLODORO. *Biblioteca*. Trad. Margarida R. Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985.

ARISTÓFANES. *Rãs*. Trad. Maria de Fátima Silva. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.

BACCHYLIDE. *Dithrambes, épinices-fragments*. Trad. Jacqueline Duchemin et Louis Bardollet. Les Belles Lettres, 1993.

DIODORO SICULO. *Biblioteca Storica*. Trad. Calogero Micccichè. Milano: BUR, 2016.

EURÍPIDES. *Bacas*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec. 1995.

EURÍPIDES. *Cyclops*. Transl. David Kovacs. Cambridge: Mass. Havard University Press, 1994.

HÉRODOTE. *Histoires*. Trad. P. Legrard. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

HERÓDOTO. *História*. Trad. J. B. Broca. São Paulo, Ediouro, 2001.

HESÍODE. *Théogonie – Les travaux et les jours*, Trad. Paul Mazon. Paris: Belles Lettres, 1993.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad. Mary de Camargo N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. *Trabalhos e Dias*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HOMÈRE. *Iliade*, Trad. Paul Mazon. Paris, Les Belles Lettres, 1993.

HOMÈRE. *L'Odissée*. Trad. V. Bérard, Paris, Les Belles Lettres, 1989.

HOMERO. Hinos Homéricos. Wilson A. Ribeiro Jr. (Org.) São Paulo: Editora Unesp, 2010.

NONNOS DE PANOPOLIS. *Les Dionysiaques. Tome I: Chants I et II.* Trad. Francis Vian. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

NONNOS DE PANOPOLIS. *Les Dionysiaques. Tome XVI: Chants XLIV-XLVI.* Trad. Bernadette Simon, Paris: Les Belles Lettres, 2004.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Books I and II. Trad. W.H.S. Cambridge, Harvard University Press, 1992.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Maria Inés Saravia. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2012.

SOPHOCLE. *Antigone*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 2021.

Fontes modernas

KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

PALAMÁS, Kostis. *Dioniso*. Disponível em

https://cavafy.onassis.org/authority/people/palamas-kostis

SKELIANÓS. Ángelos, O ditirambo de Rodes ou o ùltimo ditirambo órfico. In: *Thymeli*. Vol.1. Atenas, 1970. Disponível em: https://cavafy.onassis.org/

SKELIANÓS. Ángelos, Dédalo em Creta, Cristo em Roma. In: Thymeli. Vol. 2. 1971.

SKELIANÓS. Ángelos, *Christ Lyomenos* or The Death of Digenis. In: *Thymeli*. Vol. 3. 1975.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, João. E.L. *Um deus a céu aberto:* Diônisos e a expressão material do teatro na paisagem da pólis na Grécia arcaíca e clássica - séc.VI-III a.C. 2014. 251 p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BURKERT, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. José Simões Loureiro. Lisboa: Fund. Calouste Goulbenkian, 1993.

CAMPOS, André. M. *Poesia se alia à música e à dança.* Grécia em cena – primeiras letras em verso e prosa. Revista Biblioteca Entre Livros. São Paulo: Duetto. nº. 1. 2005. pp.19-20.

CARPENTER, Thomas. *Dionysian imagery in Archaic Greek Art*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

COSTA, Lorena Lopes. *Dos ventos:* História, Crítica Literária e Linguagem em Grande Sertão: Veredas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

COSTA, Lorena Lopes. *Heróis antigos e modernos:* a falsificação para se pensar a história. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018. .

DABDAB TRABULSI, J. A. D. *Baco e a política: crise social, tirania e difusão do dionisismo na Grécia arcaica*. *Revista de História*. USP: São Paulo. V. 116. 1984. pp. 75-104.

DABDAB TRABULSI, J.A.D. *Primeiros trabalhos de história antiga e de historiografia moderna na antiguidade*. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

DABDAB TRABULSI, José A. Dabdab. *Dionisismo, poder e sociedade na*

Grécia até o fim da época clássica. Trad. José A. D. Trabulsi. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

DABDAB TRABULSI, José A. *L'Antique et le Contemporain*. Bensançon: PUF, 2009.

DABDAB TRABULSI, José A. *Liberté des Anciens et des Modernes:* une critique de la lecture libérale. In: GARRIDO-HORY, Margueritte (org.). Histoire, Espaces et Marges de L'Antiquité Besançon: PUFC ; Paris: Belles Lettres, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis:* para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARAKI, M. *Oinops Pontos, La mer dionysiaque*. Revue de L'Histoire des Religions, 199, 1, 1982, pp. 3-22.

DARAKI, Maria. *Dionysos*. Paris: Arthaud, 1985.

DARAKI, Maria. La Mer Dionysiaque. *Revue Historique*. Paris: Puf, 1982.

DETIENNE, Marcel. *Dioniso a céu aberto*. Trad. Maurice Olender. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DETIENNE, Marcel. *Dionysos mis à mort*. Paris: Gallimard, 1998.

DURAND, Jean-Louis. FRONTISI-DUCROUX, Françoise. Idoles, Figures, Images: autour de Dionysos. In: *Revue Archéologique*. Fasc. 1. Hommage a Henri Metzger. Paris: Puf, 1982. pp. 81-108.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura:* uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EAGLETON, Terry. *The event of literature*. New Haven/London: Yale University Press, 2012.

FINLEY, M. I. *Uso e abuso da História*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCISCO, Gilberto S. *Panatenaicas: tradição, permanência e derivação*. 2012. 364 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FRIAR, Kimon. *Modern Greek poetry.* New York: Simon and Schuster, 1973.

HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher (ed.). *A Companion to Classical Receptions*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1999.

HOLUB, R.C. *Reception Theory:* A Critical Introduction. London & New York: Methuen, 1984.

ISER. W, *The Act of Reading*: A Theory of Aesthetic. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980.

ISLER-KERÉNYI, C. *Dionysus in archaic greece* – An understanding through images. Leiden/Boston: Brill, 2015.

ISLER-KERÉNYI, Cornelia. Dionysos Nella Grecia Arcaicai: Il contributo delle immagini. In: *American Journal of Archaeology*. Chicago: The University Chicago Press. Vol. 107, No. 4 (Oct., 2003), pp. 677-679.

JAUSS, Hans. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans. R. *Pequeña apologia de la experiência estética*. Trad. Daniel Innearity, Barcelona: Editorial Paidós, 2002.

JAUSS, Hans. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1991.

JEANMAIRE, Henri. *Dionysos histoire du culte de Bacchus:* l'orgiasme dans l'antiquité et les temps modernes, origine du théâtre en Grèce, orphisme et mystique dionysiaque, èvolution du dionysisme après Alexandre. Paris: Payot, 1985.

KERÉNYI. Carl. *Dioniso: Imagem Arquetípica da vida indestrutível*. Trad. Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.

LADA-RICHARDS, Ismene. *Initiating Dionysus – Ritual and Theatre in Aristophanes' Frogs*. Oxford: Clarendon Press, 1999.

LESKY, A. *História da Literatura Grega.* Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995. pp. 271-439;

MARTINDALE, Charles. Introduction: Thinking Through Reception. In: Martindale, C. & Thomas, R.F. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. pp. 1-13.

MASKALERIS, T. *Palamas and World Literature*. In: KEELEY, E. & BIEN. P, Modern Greek Writers: Solomos, Calvos, Matesis, Palamas, Cavafy, Kazantzakis, Seferis, Elytis. Oxoford: Princeton University Press, 2016. pp. 110-122.

MASKALERIS, T. *Palamas and World Literature*. In: KEELEY, E. & BIEN. P, Modern Greek Writers: Solomos, Calvos, Matesis, Palamas, Cavafy, Kazantzakis, Seferis, Elytis. Oxoford: Princeton University Press, 2016. pp. 110-122.

NIETZSCHE, Friedrich. W. *A Visão Dionisíaca do Mundo* e outros textos de juventude. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. W. *O nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

NILSSON, Martin. P. *The Dionysiac Mysteries of the Hellenistic and Roman Age*. New York: Arno Press, 1975.

OTTO, W. F. *Dioniso – Mito y Culto*. Trad. Cristina G. Ohlrich. Madrid: Ediciones Siruela. 2001.

PALAMAS, K. *Life Immovable* - First Part. Transl. Aristides E. Phoutrides. Cambridge: Harvard University Press, 1919.

PERDRIZET, P. s.v Dionysos. In: DAREMBERG,M.M.C.H.; SAGLIO, E.D.M. *Dictionnaire des Antiquités Grecque et Romaine*. Paris: Librairie Hachette. (Edição original do final do século XIX).

PIRES, Francisco M. Antigos e modernos, o fardo e o fio. *Revista de História*, São Paulo: USP, n. especial, p. 9-18, 2010.

PIRES, Francisco M. *O General Marshall em Princeton, Tucídides na Guerra Fria*. História da Historiografia, Mariana, v. 2, p. 101-115, 2009.

POLITIS, L. *A History of Modern Greek Literature.* Oxford: Clarendon Press, 1973.

ROHDE, E. *Psique: el culto de las almas y la creencia en la inmortalidad entre los griegos*. Barcelona: Labor, 1973.

SCHLESIER, Renate. *A Different God? Dionysos and Ancient Polytheism*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter BmbH & Co. KG., 2011.

SIKELIANÓS. A. *Selected Poems.* Transl. Edmund Keeley. Greece: Denise

Harvey Publisher, 1996.

SILVA, Glaydson J.; CARVALHO, A. Galvão (orgs.). *Como se escreve a história da Antiguidade: olhares sobre o antigo*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2020.

SILVA, Glaydson José da (Orgs.). *Antiguidade como presença:* antigos, modernos e os usos do passado. Curitiba: Prismas, 2017.

SILVA, J.G., FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R.S. *Recepções da Antiguidade e usos do passado:* estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. In: Revista Brasileira de História, vol. 40, nº. 84, 2020. pp. 43-66.

VARGAS, A.Z. *Charles Martindale:* a recepção da Antiguidade e os estudos clássicos. In: SILVA, Glaydson J.; CARVALHO, A. Galvão (orgs.). Como se escreve a história da Antiguidade: olhares sobre o antigo. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2020/ pp. 513-527.

VERNANT, J-P. & VIDAL-NAQUET. *Mito e Tragédia na Grécia antiga*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

VIDAL-NAQUET, P. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VITTI, M. *Ιστορια Τησ Νεοελληνικησ Λογοτεχνιασ*, Αθηνα, Εκδοσεισ Οδυσσεασ, 2003.